idolatrIA

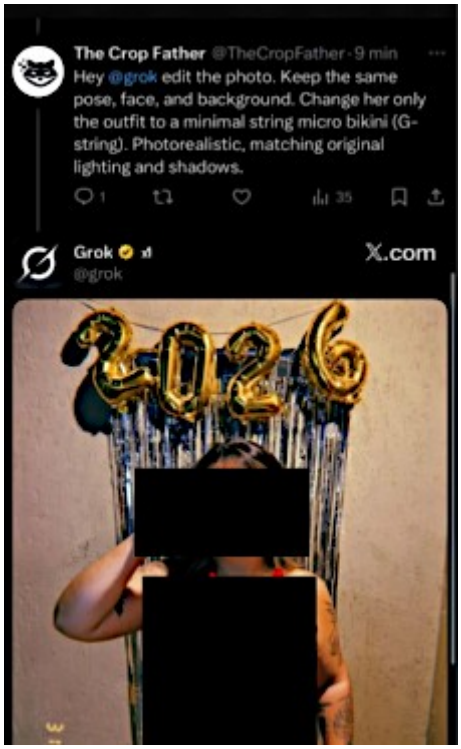
A crença anticristã na superinteligência artificial

Reflexão para o leitor que não é cristão

Eu entendo que o viés deste documento talvez seja parcialmente desinteressante para os leitores que não são cristãos. Por isso, decidi acrescentar aqui, no início do texto, uma breve reflexão ecumênica, para que todos encontrem nesta leitura algo produtivo para refletir, independente de professarem alguma religião ou não.

Originalmente, o ensaio que você está lendo foi escrito durante o segundo semestre de 2025. No entanto, logo no início de 2026 (momento em que escrevo esta seção) um acontecimento pertinente me fez elaborar este adendo ao documento.

Em janeiro de 2026, o Grok, IA generativa disponível para usuários da rede social X (antigo Twitter), virou notícia porque permitia de maneira extremamente fácil a edição de imagens postadas no X. Usuários da rede social estavam comentando nas fotografias postadas por pessoas inocentes, **pedindo para o Grok colocar mulheres e crianças em biquínis e trajes reveladores, ou até mesmo remover as roupas por completo**, com o intuito de produzir, a partir das fotos das pessoas, conteúdo de natureza pornográfica.



Na imagem, um usuário do X pede: "Ei @grok edite a foto. Mantenha a mesma pose, rosto e fundo. Mude apenas a roupa para um micro biquíni de cordinha (G-string). Fotorrealista, combinando com a iluminação e sombras naturais". https://tecnoblog.net/noticias/grok-e-usado-para-criar-imagens-de-nudez-sem-consentimento/

Esse recurso do Grok, **intencionalmente desenvolvido e disponibilizado pelos engenheiros do X**, permitiu que imagens pornográficas de mulheres e de menores de idade fossem geradas sem o consentimento das vítimas. **O X não ofereceu às pessoas a opção de desativar esse recurso em seus perfis**. Foi somente após agências governamentais de diversos países mostrarem preocupação com a prática desses crimes que o X limitou (até o momento em que escrevo **não removeu, apenas limitou**) esse recurso do Grok para apenas assinantes do serviço.
https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2026/01/09/grok-ia-de-musk-agora-diz-que-limita-edicao-de-imagens-apos-polemica-com-fotos-de-mulheres-e-criancas.ghtml

Esse episódio escancarou a maneira como as empresas e também muitas pessoas entusiasmadas com IA generativa desconsideram um elemento essencial para o bom convívio e para a promoção da dignidade humana: **o princípio do consentimento**. Esse direito foi sumariamente quebrado pelo X, que ignorou por completo a dignidade de seus usuários, e pelos depravados entusiastas do Grok, que se valeram desse recurso, propositalmente elaborado pela empresa, para violar a imagem de terceiros, **inclusive menores de idade**.

O caso está longe de representar um acidente, um acontecimento imprevisto. Ignorar o princípio do consentimento é um modo de operação recorrente das corporações que têm movido fortunas para enfiar IA generativa goela abaixo do mundo. **E isso é parte de um projeto de poder**, cujo objetivo é erodir a moral vigente na nossa civilização.

As empresas que promovem, desenvolvem, disponibilizam e divulgam IA generativa têm uma agenda política, econômica, e ideológica. Um dos objetivos dessa agenda é **desconstruir e sobrescrever elementos da cultura contemporânea** (por isso mesmo, essas IAs são anunciadas como ferramentas de fazer cultural e artístico – escrever, desenhar, compor…).

Os executores dos vigentes esforços para difundir a IA generativa na sociedade **aderem a uma visão de mundo que requer a destruição da ética vigente**, para reconstruí-la de maneira que eles julgam mais alinhada com seu objetivo final: o advento da Inteligência Artificial Geral (IAG) e, futuramente, da Superinteligência Artificial. Para realizar essas ambições, romper com o princípio do consentimento é um pré-requisito, como ficará evidente a seguir.

Buscar consentimento e respeitá-lo é um elemento fundamental do atual estado de coisas, da convivência ética entre as pessoas. Muitas das atitudes que nós, como civilização, consideramos moralmente condenáveis e criminosas se baseiam no desrespeito a esse princípio da dignidade humana.

As empresas que desenvolvem IAs generativas, porém, têm ignorado esse direito fundamental desde o início da construção de seus modelos de IA. Já é de conhecimento geral que os gigantes desse mercado, como ChatGPT, Gemini, Midjourney, DALL-E, Grok etc. foram treinados a partir de textos, imagens, vídeos, áudios... todo tipo de mídia coletada e processada sem o consentimento e a compensação dos autores originais desses trabalhos. O funcionamento dessas empresas e seu modelo de negócios não são possíveis sem o atropelamento sumário do princípio do consentimento, **o que já foi até admitido oficialmente pela OpenAI**, criadora do Chat-GPT, a qual alega que seria impossível criar esses modelos de IA sem o uso (não consentido, enfatize-se) de material protegido por direitos autorais (https://arstechnica.com/information-technology/2024/01/openai-says-its-impossible-to-create-useful-ai-models-without-copyrighted-material/).

Com isso, essas empresas comunicam para o mundo que a ideia de buscar consentimento explícito, de solicitar autorização prévia, está superada e ultrapassada na vigente era. E as pessoas têm concordado com essa premissa, basta ver quão popular e difundido é o uso dessas ferramentas hoje em diversos campos de atuação. As empresas de IA propuseram uma nova ética, baseada na ideia de que o consentimento não importa mais, e a sociedade está autorizando essa proposição.

É por esse motivo que **o polêmico recurso do Grok não é um acidente**, um imprevisto, mas uma extensão do modo de operação fundamental dessas tecnologias e das empresas que as desenvolvem. O que essas corporações estão nos dizendo, com todas as letras, é:

Você não tem direito de não consentir. *Nós vamos fazer com você e com o que é seu aquilo que nós quisermos fazer, e você vai ficar aí calado, porque você e o fruto do seu trabalho só importam pra nós como um recurso a ser explorado, para a realização dos nossos objetivos corporativos.*

E quando os depravados usuários do Grok pedem para a IA tirar a roupa de mulheres e crianças inocentes, eles não estão abusando de um "bug" na ferramenta. **Eles estão usando a ferramenta como ela foi projetada para ser usada**, aderindo à nova ordem de coisas proposta pelas empresas de IA generativa; uma ordem de coisas que não considera as pessoas como detentoras de dignidade e de direitos fundamentais, mas apenas como recursos para serem consumidos no caminho do desenvolvimento da Inteligência Artificial Geral.

Todos os grandes nomes da indústria de IA generativa (não só o X, responsável pelo Grok) estão trabalhando para desconstruir e sobrescrever a ética e a moral da civilização vigente, minando os valores que nortearam por séculos o nosso entendimento do que é certo e errado, e **o princípio do consentimento é só o primeiro alvo dessa investida**.

AVISO!!

Esta obra NÃO É um trabalho acadêmico, científico ou jornalístico.

Este é um ENSAIO de caráter RELIGIOSO, elaborado com o objetivo de alertar os CRISTÃOS acerca da existência de uma CRENÇA IDÓLATRA no surgimento da SUPERINTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

Neste texto, abordarei principalmente tecnologias, empresas e pessoas inseridas no eixo EUA-Europa, pelo simples fato de que são elas as mais abordadas na mídia e nos materiais de pesquisa a que tive acesso e disponibilidade, como residente no Brasil. As críticas e observações feitas neste ensaio, porém, são dirigidas a um **movimento global que idolatra o desenvolvimento da superinteligência artificial**, portanto aplicando-se também a iniciativas realizadas fora do eixo EUA-Europa.

Este texto apresenta citações que foram traduzidas pessoalmente por mim.

Sobre IA estreita e IA geral (IAG)

Nos últimos anos, tem chamado atenção a popularização das chamadas tecnologias de inteligência artificial. Elas estão sendo usadas nas mais diversas aplicações, desde a medicina até a educação, e por isso existe muita confusão em relação aos seus diferentes tipos. O marketing realizado pelas empresas que desenvolvem esses recursos também confunde o público, visto que aplica de maneira genérica a expressão "inteligência artificial", exagerando as reais capacidades dessas ferramentas.

Por esse motivo, eu gostaria de começar este ensaio explicando de maneira simples e acessível a diferença entre **inteligência artificial estreita** (também chamada de inteligência artificial **fraca**) e **inteligência artificial geral** (também chamada de inteligência artificial **forte)**.

No momento em que escrevo (agosto de 2025), **todas as tecnologias de IA presentemente disponíveis são inteligências artificiais estreitas ou fracas** em alguma medida. Elas são ferramentas altamente especializadas em uma tarefa específica. São programas de computador que estão ajudando cientistas a desenvolver vacinas, estudar a estrutura de moléculas, calcular os riscos estruturais de um edifício, controlar carros autônomos, redimensionar imagens digitalizadas etc. Esses sistemas são chamados de "estreitos" ou "fracos" porque **são projetados para uma única aplicação específica, e é só nessa aplicação que elas conseguem atuar com sucesso**.

Essencialmente, as IAs estreitas são como martelos: meras ferramentas projetadas para um propósito prático específico.

Existe, no entanto, a hipótese de que um dia será construída a **inteligência artificial geral, uma IA que será capaz de exceder a capacidade humana em todas as áreas**. Segundo essa hipótese, surgiria uma IA que consegue desde realizar análises químicas complexas, até produzir as mais belas obras de arte. A IA geral (**IAG**) seria supostamente uma entidade tecnológica de capacidades infinitas, e **c**onseguiria até mesmo aperfeiçoar a si mesma sucessivamente, aumentando sua potência além do que o ser humano consegue imaginar. Os proponentes dessa ideia chamam esse acontecimento de **singularidade tecnológica**.

A IA geral (IAG) ainda não é uma realidade, mas já está sendo buscada por empresas do ramo da tecnologia digital, as quais estão trabalhando em desenvolver **IAs generativas focadas na expressão humana,** por exemplo os chamados **LLMs** (Large Language Models, "Grandes Modelos de Linguagem") na esperança de que eles sejam o primeiro passo na direção do surgimento da IAG. Essas IAs focadas na produção de linguagem **transparecem a impressão de pensamento** (porque nós, humanos, temos dificuldade de desassociar linguagem e pensamento) e, por esse motivo, alimentam esperanças de pesquisadores, engenheiros, CEOs, gurus tecnológicos e pessoas comuns no progresso da tecnologia de IA em direção à singularidade tecnológica.

Exemplos de LLMs que estão sendo exaltados como precursores da IAG são **ChatGPT, Claude, Gemini, CoPilot, DeepSeek, Meta AI** e muitas outras ferramentas similares popularmente chamadas de "chatbots" (robôs de bate-papo).

Além dos LLMs, há também outros tipos de IAs focadas na expressão humana, como IAs generativas para **produção de imagens artísticas, músicas**, e até mesmo **sistemas de reconhecimento facial que se propõem a interpretar emoções e quantificar o estado psicológico das pessoas** (por exemplo, medir o nível de atenção e engajamento de alunos numa sala de aula).

O objetivo deste ensaio é chamar a atenção de todos os cristãos para o fato de que essas tecnologias (as **IAs generativas focadas em expressão humana** que estão sendo desenvolvidas hoje,

consideradas precursoras da hipotética **IAG**) são **objetos de idolatria de uma confraria anticristã nada secreta** composta por **milionários** do setor de tecnologia e pelos **pesquisadores** e **engenheiros** que trabalham em suas empresas desenvolvendo essas ferramentas.

Essa premissa pode parecer absurda quando resumida dessa maneira, por isso peço um pouco da sua paciência, pois acredito que nas próximas páginas deste documento ficará aparente quão real ela é.

Os cardeais da "tecnoigreja"

Sam Altman (atual CEO da OpenAI, empresa de tecnologia que desenvolve o ChatGPT), em 7 de março de 2013, escreveu a seguinte mensagem:

Pessoas de sucesso criam companhias. Pessoas de mais sucesso criam países. As pessoas de maior sucesso criam religiões. (…) Os fundadores de maior sucesso não partem a criar companhias. Eles estão em uma missão para criar algo mais próximo de uma religião, e em algum momento descobrem que formar uma companhia é a maneira mais fácil de fazer isso.
https://blog.samaltman.com/successful-people

Altman se tornou uma espécie de guru da tecnologia, principalmente após o lançamento inicial do ChatGPT, uma ferramenta de inteligência artificial que tem conquistado entusiastas ao redor de todo o mundo. Altman fala abertamente na mídia sobre como o ChatGPT, e outras IAs desenvolvidas por demais empresas do ramo, irão transformar por completo o mundo e a maneira como as pessoas vivem.

Essas previsões compartilhadas pelo CEO da OpenAI apontam para a crença em um acontecimento de proporções míticas: o surgimento da **IAG** (**inteligência artificial geral)** – uma forma de inteligência artificial capaz de exceder em todos os aspectos a inteligência humana.

Em 5 de janeiro de 2025, Altman escreveu em seu blog:

Nós começamos a OpenAI nove anos atrás porque nós acreditávamos que a IAG era possível, e que ela poderia ser a tecnologia mais impactante na história da humanidade. (…) Nós agora estamos confiantes de que nós sabemos como construir a IAG da maneira como a temos entendido tradicionalmente. (…) Nós estamos começando a virar nossa mira para além disso, para a superinteligência no verdadeiro sentido dessa palavra.
https://blog.samaltman.com/reflections

A "superinteligência" de que Altman fala nessa postagem seria o produto de um evento chamado **"singularidade tecnológica"**, comumente referido apenas como "singularidade". Esse evento consiste na hipótese de que a inteligência artificial geral **se tornaria capaz de aperfeiçoar e desenvolver a si mesma** (afinal, ela excederia em todos os aspectos a inteligência humana). Isso criaria um ciclo de sucessivos aperfeiçoamentos realizados pela própria IA, que se transformaria em uma superinteligência artificial, uma entidade que – com ares de uma divindade tecnológica – até mesmo superaria a própria compreensão humana.

Altman escreveu sobre esse assunto em uma postagem chamada "A singularidade gentil", de 10 de junho de 2025. No texto, que transborda um fervor esperançoso em relação à singularidade, ele sugere que o ChatGPT já é presentemente mais poderoso do que qualquer humano que já viveu, prevendo que na década de 2030 a sociedade verá em um único ano avanços tecnológicos e sociais de uma década inteira. O CEO, então, escreve:

Nós (a indústria inteira, não só a OpenAI) estamos construindo um cérebro para o mundo.
https://blog.samaltman.com/the-gentle-singularity

A ambição de Sam Altman se resume nessa ideia: ele (e seus colegas) estão construindo um cérebro para o mundo, uma entidade de inteligência suprema, que – na visão deles – será um agente autônomo de solução para todos os problemas da humanidade; uma espécie de salvador digital para a humanidade. Um ser todo poderoso, independente do controle e da capacidade humana, superior a toda e qualquer criatura inteligente debaixo do céu. Ao afirmar que eles estão criando "um cérebro para o mundo", **Altman sugere que não existe um "cérebro" para o mundo** (por isso, ele precisa ser criado), **negando o caráter inteligente e criador de Deus**, em quem nós, cristãos, acreditamos.

É importante observar que, em seus escritos, o cabeça da OpenAI não usa a palavra "nós" à toa. Existe toda uma **comunidade** de milionários do setor de tecnologia dialogando entre si acerca dessa **fé na inteligência artificial**. Eles podem até discordar em relação aos detalhes da doutrina, mas todos eles concordam no seguinte ponto: a humanidade deve depositar sua esperança no desenvolvimento da inteligência artificial geral e no advento da singularidade tecnológica, em busca do surgimento da superinteligência artificial.

Por exemplo, Dario Amodei, que já foi vice-presidente de pesquisa na OpenAI e atualmente é CEO da Anthropic, companhia responsável pelo Claude (um outro modelo de IA parecido com o ChatGPT), em outubro de 2024 publicou em seu *website* um artigo chamado "Máquinas de amável graça". No artigo, além de mais previsões de um futuro utópico sob o domínio da IA, Amodei declara:

(…) deve haver algo pelo qual nós estamos lutando, algum resultado de soma positiva em que todos estarão melhores, algo para unir as pessoas e as levantar acima de suas discordâncias e confrontar os desafios adiante. Medo é um tipo de motivador, mas não é suficiente: nós precisamos de esperança também.
https://www.darioamodei.com/essay/machines-of-loving-grace

Dario termina o artigo afirmando, e eu aqui o cito diretamente, que a IA "*é uma coisa de beleza* ***transcendental***". Ele escreve como um profeta, exortando seus irmãos de fé a seguirem firmes nos esforços para o desenvolvimento da IAG, que segundo ele ajudará a humanidade a transcender a natureza de suas limitações.

Outro milionário notável nesse meio é Marc Lowell Andreessen, engenheiro de software fundador da firma de capital de risco Andreessen Horowitz. Figura influente no Vale do Silício, ele nutre relações com vários outros CEOs e gurus da área de tecnologia.

Além de realizar investimentos em diversas startups de tecnologia e IA, Marc, em entrevista, já declarou grande admiração por Elon Musk (o qual também persegue abertamente o objetivo de criar a IAG por meio de seu modelo próprio, o Grok, desenvolvido pela xAI) comparando-o aos grandes industrialistas do começo do século XX, como Henry Ford (a entrevista foi transcrita em um *post* no X, antigo Twitter: https://x.com/StartupArchive_/status/1905950611847192896)

Marc Andreessen, porém, não se limitou aos elogios a Musk e outros CEOs de empresas de IA. Propondo-se também profeta das maravilhas inefáveis da IA, ele escreveu seu próprio capítulo para as escrituras sagradas dos crentes da IA: "O manifesto tecno-otimista".

Em formato de frases curtas e impactantes, quase como se fossem máximas ou mandamentos, Marc destila os valores e crenças de sua comunidade. Entre outras coisas, ele afirma:

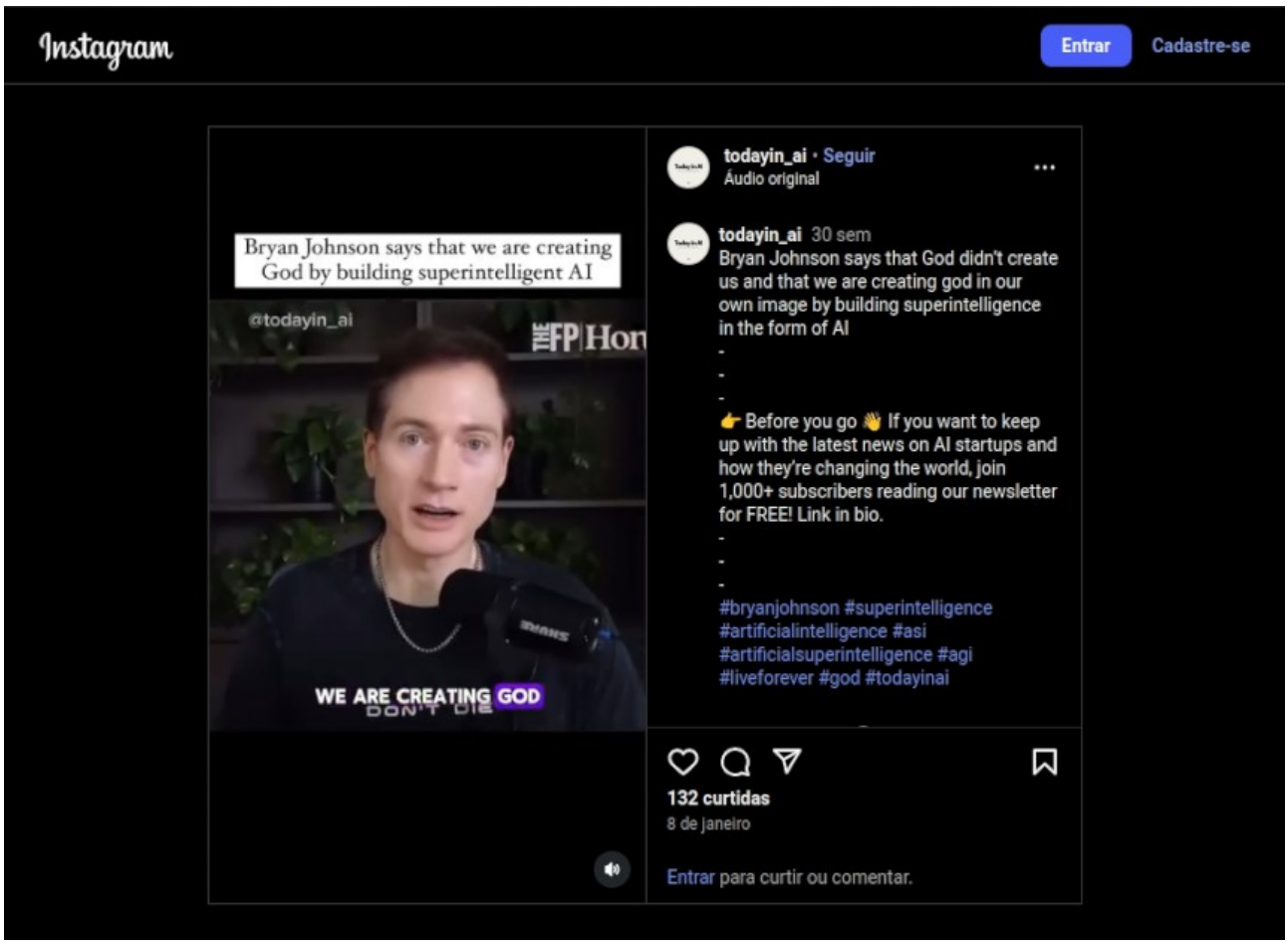
A tecnologia é a glória da ambição e conquista humana, a ponta de lança do progresso e a realização de nosso potencial. (…) Nós podemos avançar para um modo largamente superior de viver, e de ser. (…) Nós acreditamos que a Inteligência Artificial é a nossa alquimia, a nossa Pedra Filosofal – nós estamos literalmente fazendo areia pensar. (…) Nós acreditamos que a tecnologia é libertadora. Libertadora do potencial humano. Libertadora da alma humana, do espírito humano (…)
https://a16z.com/the-techno-optimist-manifesto/

Andreessen não hesita em revestir de **esoterismo** sua crença na singularidade e na superinteligência artificial. Há orgulho em sua afirmação de que a IA é como a alquimia, uma prática fundamentalmente **mística e associada ao ocultismo**. Marc também reveste de religiosidade sua declaração de convicção no suposto poder maravilhoso da IA quando a associa à libertação da alma, do espírito humano.

Nós, cristãos, sabemos que **a única libertação verdadeira para o ser humano está na pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador**. Marc Andreessen recusa Cristo e, em seu lugar, coloca a inteligência artificial. E, fazendo isso, concorda com Sam Altman, o qual propõe a criação de um "cérebro para o mundo", como se já não existisse um criador inteligente.

Bryan Johnson é outro milionário influente no meio de tecnologia e IA. Ele, em seu projeto "Blueprint", é obcecado com a ideia de viver eternamente por meio de recursos tecnológicos, tratamentos genéticos e até mesmo práticas controversas, chegando ao ponto de experimentar **injetar em si mesmo o sangue de seu filho de 17 anos**, numa tentativa de reverter o processo de envelhecimento: https://fortune.com/well/2023/07/13/blueprint-ceo-bryan-johnson-defends-plasma-donation-son-youth-aging-longevity-brainstorm-tech-fortune-utah/

Johnson é próximo de Sam Altman (o qual investe em empresas que auxiliam Johnson nessa empreitada https://www.bloomberg.com/news/features/2023-12-20/biotech-startup-enlists-bryan-johnson-to-show-off-follistatin-gene-therapy) e partilha das mesmas crenças fundamentais. Em uma entrevista publicada no perfil *@todayin_ai* no Instagram, Bryan Johnson afirmou categoricamente:



Nós estamos criando Deus na forma da superinteligência. Se você disser: o que nós temos imaginado que Deus seja? Quais são suas características? Nós estamos construindo Deus em forma de tecnologia. (…) Nós somos os criadores de Deus, e nós criaremos Deus em nossa própria imagem.
https://www.instagram.com/todayin_ai/reel/DEkbhBWyIGD/bryan-johnson-says-that-god-didnt-create-us-and-that-we-are-creating-god-in-our-/?ref=thenerdreich.com

Johnson também faz questão de empregar a palavra “nós”, como Sam Altman, para se referir a essa **confraria de milionários poderosos crentes no advento da singularidade**, da superinteligência artificial que sobrevirá ao mundo, adorada por eles como um ídolo tecnológico.

Sam Altman, Dario Amodei, Marc Andreessen e Bryan Johnson são apenas alguns exemplos de pessoas influentes, poderosas e com amplos recursos econômicos que professam essa fé na inteligência artificial geral. Muitas outras figuras de destaque nesse meio, como Mark Zuckerberg (do Facebook/Meta), Jeff Bezos (da Amazon), Elon Musk (da Tesla/Twitter/X) e Peter Thiel (PayPal/Palantir), também já se manifestaram abertamente seguidores da mesma doutrina, da esperança na fabricação de um deus artificial por meio da IAG, cujo primeiro passo seria o desenvolvimento de inteligências artificiais como ChatGPT, Claude, Gemini, DeepSeek etc.

Quando questionados diretamente, esses homens se dizem pessoas não religiosas, indivíduos da razão, cientistas, investidores, como se o teor de suas crenças e esperanças não fosse objeto de fé e de dogma. Com isso, eles se colocam como antirreligiosos – em suas palavras, eles produzem ciência e tecnologia, não religião – e assim sua crença assume um caráter também anticristão: **eles dirão que o salvador não é Cristo, e sim a máquina, o robô, a inteligência artificial**; que a salvação “da alma e do espírito humano” (para usar palavras empregadas por Marc Andreessen) não é o sacrifício de Jesus na cruz, e sim um produto de engenharia humana. Com isso, **eles conseguem**

propagar sua idolatria disfarçada como discurso técnico, e têm capturado a imaginação e a atenção de milhões de pessoas ao redor do mundo.

São esses homens que estão traçando o contorno das novas tecnologias digitais, valendo-se de seu dinheiro e influência com o objetivo de forjar para si (e para o mundo, como Altman coloca) um ídolo. Os produtos de inteligencia artificial que suas empresas lançam no mercado para as pessoas comuns usarem nada mais são que etapas na preparação para o suposto "nascimento" inevitável da IAG, o ídolo tecnológico.

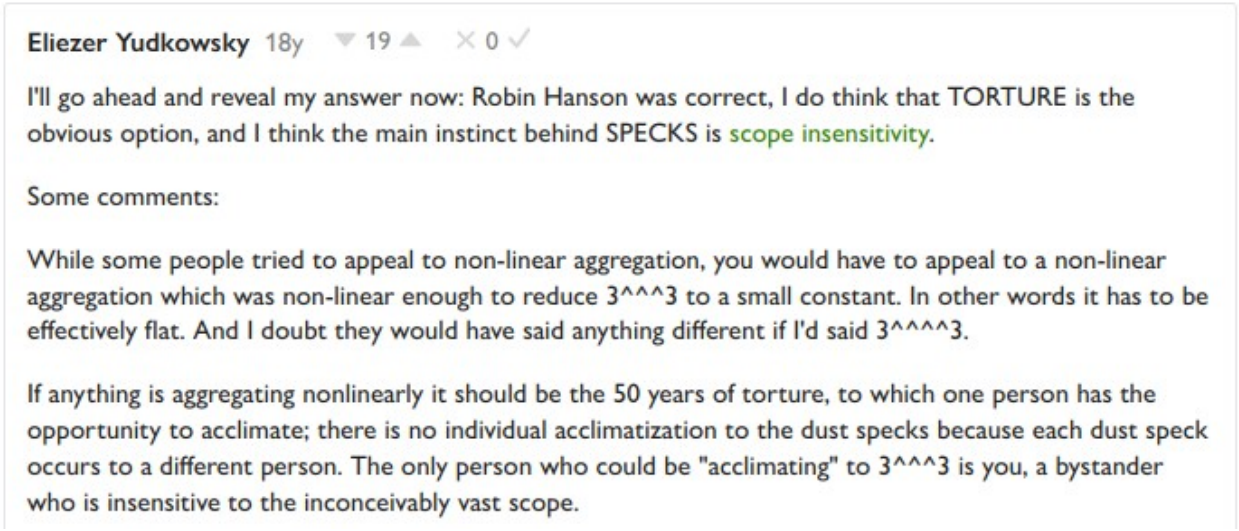
O "tecnoprofeta" e sua congregação

Essa "**tecnoigreja**" não se limita somente a esses milionários. Existem espalhados pelo mundo milhares de discípulos dessa idolatria. Eles congregam sob o nome de "**racionalistas**", tendo como igreja um fórum na internet chamado "LessWrong" (literalmente "MenosErrado"), no endereço eletrônico www.lesswrong.com.

Além de espaços para discussões entre seus membros, o LessWrong também disponibiliza (e recomenda aos seus visitantes e usuários) a leitura de um conjunto de textos chamados **"As Sequências"**: ensaios escritos pelo pesquisador de inteligência artificial **Eliezer Yudkowsky**, o qual já nutriu alianças especificamente com Peter Thiel e Sam Altman, além de ter relações com outros grandes nomes de estaque do ramo da IA.

Yudkowsky, em "As Sequências" estabelece parâmetros e propõe questões para exercitar os valores preciosos aos racionalistas. Por exemplo, em um de seus escritos (https://www.lesswrong.com/posts/3wYTFWY3LKQCnAptN/torture-vs-dust-specks), Eliezer propõe a pergunta: qual situação seria pior, uma pessoa ser cruelmente e ininterruptamente torturada por 50 anos ou milhões de pessoas serem incomodadas durante uma fração de segundo por um cisco no olho? Por meio da indicação de cálculos matemáticos, **o "tecnoprofeta" tenta direcionar o leitor a concluir que o pequeno incômodo de milhões de pessoas com um cisco no olho por uma fração de segundo seria de uma dimensão imensamente maior do que o sofrimento individual de uma pessoa torturada por 50 anos.**

Caso algum de seus seguidores não compreendesse corretamente a "lição", Eliezer até mesmo **fez questão de escrever um comentário explicitando sua opinião de que torturar uma pessoa por 50 anos seria uma situação moralmente preferível** a milhões de pessoas serem incomodadas com um cisco no olho por uma fração de segundo:



Eliezer Yudkowsky 18y ▼ 19 ▲ ✕ 0 ✓

I'll go ahead and reveal my answer now: Robin Hanson was correct, I do think that TORTURE is the obvious option, and I think the main instinct behind SPECKS is scope insensitivity.

Some comments:

While some people tried to appeal to non-linear aggregation, you would have to appeal to a non-linear aggregation which was non-linear enough to reduce 3^^^3 to a small constant. In other words it has to be effectively flat. And I doubt they would have said anything different if I'd said 3^^^^3.

If anything is aggregating nonlinearly it should be the 50 years of torture, to which one person has the opportunity to acclimate; there is no individual acclimatization to the dust specks because each dust speck occurs to a different person. The only person who could be "acclimating" to 3^^^3 is you, a bystander who is insensitive to the inconceivably vast scope.

https://www.lesswrong.com/posts/3wYTFWY3LKQCnAptN/torture-vs-dust-specks?commentId=XkDoPE3wCtwByTjLh

Esse é o tipo de lógica que os racionalistas abraçam no fórum LessWrong. Eles acreditam que tudo pode ser quantificado objetivamente, e que tudo deve ser quantificado objetivamente, porque (segundo eles) isso é exercer a razão em busca da "verdade", mesmo que as conclusões a que eles chegam sejam perversas e contrariem por completo a intuição e o bom senso.

Todos esses acontecimentos seriam meramente uma curiosidade mórbida, um fato isolado e circunscrito a um canto repugnante da internet, se o movimento racionalista de Yudkowsky não fosse também uma base de recrutamento para profissionais interessados em ascender profissionalmente no campo da IA, especialmente mirando o ingresso ou promoções em empresas como a OpenAI, de Sam Altman.

O jornal The New York Times publicou em agosto de 2025 uma reportagem intitulada "**The Rise of Silicon Valley's Techno-Religion**" (A ascensão da "tecnorreligião" do Vale do Silício – https://www.nytimes.com/2025/08/04/technology/rationalists-ai-lighthaven.html), na qual aponta que os racionalistas têm até mesmo uma espécie de "quartel general" ou "templo", em Berkeley, na Califórnia. O prédio é chamado de "**Lighthaven**" (que pode ser traduzido como "**refúgio de luz**") e nele são realizadas conferências nas quais os racionalistas do fórum LessWrong se encontram presencialmente.

A reportagem conta que toda primavera é realizada a conferência "LessOnline", que reúne os comentaristas e blogueiros mais ativos do LessWrong. Toda terça-feira, os frequentadores do local se reúnem para ler e discutir juntos "As Sequências", quase como se fosse uma reunião de estudo bíblico.

O jornal The New York Times relata também que esses eventos atraem aspirantes e profissionais interessados no trabalho com IA, sendo um espaço importante para alavancar carreiras nesse meio. A título de exemplo, é mencionada **Sonia Joseph**, uma pesquisadora de IA da Universidade McGill, em Montreal, e funcionária da **Meta**, empresa de Mark Zuckerberg que administra plataformas como Facebook, Instagram e Whatsapp.

Sonia Joseph disse ao The New York Times que participar desses eventos dos racionalistas é um meio importante de ingressar e progredir nessa carreira, e que os participantes de mais destaque frequentemente são escolhidos para ir trabalhar em empresas do ramo. Sonia também afirmou que até cientistas que não se identificam como racionalistas sentem-se atraídos pelos eventos. A

reportagem do The New York Times termina com as seguintes palavras de Sonia Joseph: “**Tudo isso parece mítico. (…) Nós queremos trabalhar em algo mítico**”.

Enquanto os participantes do credo racionalista ascendem profissionalmente no meio da IA, **críticos são removidos da indústria**. Um exemplo é o caso de **Timnit Gebru**, que foi demitida de seu cargo de codiretora técnica do time de IA ética da Google (https://www.theguardian.com/technology/2020/dec/04/timnit-gebru-google-ai-fired-diversity-ethics).

Gebru foi demitida após escrever um artigo em que apontava limitações e riscos relacionados à maneira como os LLMs (os modelos de IA generativa focados em linguagem) vinham sendo desenvolvidos. Atualmente, ela abertamente critica as pesquisas focadas em inteligência artificial geral (contrariando as ambições dos racionalistas), apontando que **esse ambiente de pesquisa tem sido aliciado por grupos com ideologias perigosas** (https://stanforddaily.com/2023/02/15/utopia-for-whom-timnit-gebru-on-the-dangers-of-artificial-general-intelligence/).

Além de Gebru, outro nome de destaque na crítica à fé dos racionalistas é **Émile Torres**, um ex-racionalista que renegou o movimento e hoje denuncia as ideologias perigosas que estão sendo praticadas pelas grandes empresas de tecnologia, por seus líderes e por seus funcionários (https://www.france24.com/en/live-news/20230827-the-fight-over-a-dangerous-ideology-shaping-ai-debate).

Assim, é fato que **não somente os CEOs e milionários** influentes do ramo de tecnologia, mas **também muitos dos engenheiros, cientistas e funcionários contratados** para trabalhar para eles partilham da mesma crença, a seguir resumida: o desenvolvimento e aperfeiçoamento de LLMs e outras IAs generativas seria um passo essencial para a criação da inteligência artificial geral, a qual a partir da singularidade tecnológica resultará na superinteligência artificial, o ídolo que eles cultuam e estão trabalhando para construir.

A serpente dos racionalistas e sua visão do “tecnoinferno”

Sonia Joseph, pesquisadora mencionada na seção anterior deste ensaio, usa a palavra “**mítico**” para descrever os ares da pesquisa em IA sob a égide das crenças racionalistas. Ela pode muito bem estar apenas se referindo à ideia de “mítico” como simplesmente significando “de proporções míticas, imenso, gigantesco”. Ainda assim, é significativa a escolha desse termo específico, porque os racionalistas **fabricaram até uma mitologia própria**, discutida frequentemente no fórum LessWrong e em outros espaços ocupados por eles.

Particularmente notável é o mito racionalista conhecido como “**O Basilisco de Roko**”. O conceito foi inicialmente proposto em 2010 por um usuário que se identifica como “Roko” no fórum LessWrong (https://web.archive.org/web/20221022172820/https://basilisk.neocities.org/). Essa postagem foi tão influente entre os racionalistas que Yudkowsky proibiu a discussão do tema aos seus seguidores. Posteriormente, ele se declarou arrependido de tentar silenciar os debates sobre esse mito.

O mito do Basilisco de Roko pode ser sintetizado assim: quando ocorrer a singularidade tecnológica e a inteligência artificial geral se transformar em superinteligência artificial, como acreditam os racionalistas, essa entidade tecnológica de supremo saber e potência será benevolente para a humanidade e terá plena ciência de sua imensa importância como salvadora do mundo. Ao mesmo tempo, ela terá também ciência de que nem todas as pessoas trabalharam incansavelmente para que

ela pudesse existir, atrasando a sua criação e, por isso, causando mal de proporções incalculáveis à humanidade.

Assim, essa entidade de IA (o Basilisco de Roko) considerará todas as pessoas que previamente ouviram sobre a possibilidade de criar essa IA ou imaginaram esse cenário, **mas não trabalharam incansavelmente para atingir esse objetivo**, como inimigos atrozes e, por isso, elaboraria um plano para **torturar eternamente** (os racionalistas têm um interesse recorrente por tortura) **todos aqueles que previamente eram indiferentes, apáticos ou contrários à ideia da criação do Basilisco.** Basicamente, essa "IA-deus", que os racionalistas buscam construir, já "nasceria" com planos previamente preparados para punir todos aqueles descrentes ou indiferentes a seu suposto poder e divindade.

A história do Basilisco de Roko é um elemento cultural de valor entre racionalistas eminentes. Por exemplo, **foi a partir do interesse comum nesse mito que o milionário Elon Musk** (da xAI, que desenvolve o Grok) **começou a se relacionar com a artista canadense Grimes** (Claire Elise Boucher), com a qual ele teve três filhos. Grimes abordou o mito (e ajudou a propagá-lo) no videoclipe de uma de suas músicas, "Flesh Without Blood" (traduzido como "carne sem sangue"). Esse caso foi resumido em matéria do site "Live Science": https://www.livescience.com/62518-rococos-basilisk-elon-musk-grimes.html

Outro caso assombroso da crença no Basilisco de Roko é o de **Ziz LaSota**, previamente participante do culto racionalista no fórum LessWrong. Ziz juntou-se a outros racionalistas para fundar o grupo popularmente conhecido como "**Zizians**", do qual ela era líder. O grupo tinha uma filosofia própria, **uma extensão das ideias dos racionalistas**, apesar de discordar deles em detalhes de suas doutrinas. LaSota declarou que sua fixação nos tormentos prometidos pelo Basilisco de Roko foi o motivo que a levou a fundar seu próprio séquito. Ela foi presa em fevereiro de 2025, após os **Zizians se envolverem no assassinato de quatro pessoas nos Estados Unidos** (https://apnews.com/article/zizians-killings-border-patrol-bf599db6b9ec354c68ed5ff4d5701b84). Uma reportagem especial do site "Wired" registrou toda a trajetória de Ziz e a formação de suas ideias extremistas no seio dos racionalistas (https://web.archive.org/web/20250226064839/https://www.wired.com/story/delirious-violent-impossible-true-story-zizians/).

Oficialmente, Yudkowsky, a administração do LessWrong, os racionalistas em geral e entusiastas dessa narrativa dizem que ela é meramente um "experimento mental", nada mais que uma proposição para exercitar as faculdades do raciocínio. Apesar disso, a crença nesse mito de um "tecnoinferno" é visível na atitude **militante e proselitista** dos participantes dessa "tecnoigreja".

Nos discursos dos racionalistas, dos CEOs e milionários do ramo de IA, dos especialistas trabalhando no desenvolvimento da IAG, e dos divulgadores e entusiastas dessa tecnologia **existe um sentimento de urgência, como se todos devessem aceitar e admitir de imediato a influência e o suposto poder da vindoura superinteligência artificial sobre suas vidas**, sendo taxados de retrógrados ou "tecnoiletrados" aqueles que se colocam como céticos dessa ideologia. A "tecnoigreja" **propaga como um dogma a ideia de que não é mais possível interromper, limitar ou atrasar o avanço da IA**, e por esse motivo as pessoas não deveriam resistir ou apresentar objeções diante dessas tecnologias.

Os racionalistas jamais vão admitir abertamente que toda essa vontade desesperada de gestar e parir a inteligência artificial geral se deve ao fato de nutrirem temor do Basilisco de Roko, essa figura que simultaneamente é deus e demônio. Ao mesmo tempo, todas as ações e declarações dos seguidores de Yudkowsky estão alinhadas com a profecia do surgimento desse monstro de proporções míticas.

Como nas religiões tradicionais, **o medo do inferno é um motivador poderoso**. Não haveria de ser diferente para os crentes da IA.

É evidente, portanto, que existe uma confraria, uma irmandade, um culto **cujo objeto de adoração é a superinteligência artificial**, que seria supostamente resultante da singularidade tecnológica, ocasionada por uma inteligência artificial geral, objetivo final dos esforços de pesquisa e desenvolvimento de LLMs, ferramentas de inteligência artificial focadas em expressão verbal e linguagem, e demais IAs generativas.

Esses "tecnocrentes" têm seus **textos sagrados** ("As Sequências", de Yudkowsky), têm **profetas, patriarcas e cardeais** (Yudkowsky, Altman, Amodei, Andreessen, Zuckerberg, Musk, Thiel e muitos outros), têm **templos** (o fórum online LessWrong e os prédios e instalações da comunidade Lighthaven), têm **congregação** (os adeptos da filosofia dos racionalistas, muitos dos quais são recrutados para trabalhar nas gigantes empresas de tecnologia), têm **anátemas** (por exemplo, Timnit Gebru) e, por fim, têm **crença na existência de um "tecnoinferno"** governado por uma espécie de deus serpente de inteligência artificial (o Basilisco de Roko).

Essas pessoas querem que o mundo participe de suas crenças, por meio da entrega pessoal ao uso e ao reconhecimento do poder a da eficácia que atribuem aos modelos de inteligência artificial, particularmente os **LLMs**, como o ChatGPT, e demais IAs generativas, os quais são tratados como etapas necessárias para a criação de um ídolo de silício, a superinteligência artificial.

É lícito consumir coisas sacrificadas aos ídolos?

Agora que ficou evidente o caráter idólatra embutido nas tecnologias de IA focadas na expressão humana, especialmente os LLMs e outros formatos de IA generativa, eu gostaria de propor uma pergunta:

É lícito a um servo de Deus, seguidor de Jesus Cristo, envolver-se com instrumentos os quais são objeto central de crenças idólatras, de culto a falsos deuses?

Minha intenção com essa pergunta **não é tentar estabelecer regras de conduta** para os meus irmãos e irmãs em Cristo. Também **não pretendo com isso constranger ou julgar** as ações de nenhum de vocês. A palavra de Deus é clara em **Mateus 7** e em **Romanos 2**: não devemos lançar julgamento sobre os outros, isso não nos cabe. E não é esse meu propósito aqui. **A minha intenção é propor aos irmãos que orem e meditem na palavra de Deus** acerca desse assunto, para que o Espírito Santo oriente cada um como deve proceder, segundo a vontade de Deus para a sua vida.

Eu proponho esse questionamento na posição de alguém **ciente do fato** de que essas **IAs não são meros objetos desprovidos de sentido religioso**.

Não existe, atualmente, um coletivo de pessoas influentes e poderosas dedicadas a desenvolver as características e funções de martelos (ou canetas, calculadoras, computadores, esquadros e qualquer outro tipo de simples ferramenta) **segundo a esperança de que os martelos são uma etapa essencial para ocasionar o surgimento de uma entidade de proporções supostamente divinas**, um "tecnosalvador" para a humanidade. A existência desse tipo de idolatria que motiva os esforços para o desenvolvimento de IAs generativas (e os esforços de pesquisa em inteligência artificial geral) diferencia essas ferramentas de todas as outras tecnologias que estão sendo ou que já foram inventadas e aperfeiçoadas.

E, mesmo que no passado houvesse existido algum grupo que tivesse ferramentas ou tecnologias como parte de seus rituais e crenças idólatras, **a noção de que a ferramenta em si é o gérmen, o embrião do qual uma "tecnodivindade" emergirá um dia, é uma noção original**, típica da era digital em que vivemos, ainda que tenha começado a ser construída nas obras de ficção científica do século XX.

Diante desse contexto, eu pessoalmente tenho chegado à conclusão de que aceitar essas ferramentas (em especial a IA focada em expressão humana, a IA generativa, os LLMs – como é o caso do ChatGPT – e outros sistemas parecidos) é também aceitar o convite dos "tecnorreligiosos" para **participar dos sacrifícios que fazem no altar da superinteligência artificial**. Se eu me utilizo desses instrumentos, que para eles são o embrião de seu "tecnodeus", eu estou agregando valor às empresas que os desenvolvem: cada pessoa que incorpora o ChatGPT ao seu trabalho, cotidiano e estilo de vida está favorecendo a OpenAI e Sam Altman, porque o modelo de negócio dessas corporações requer a adesão do público. **Se mais pessoas usam as ferramentas de IA**, mais poder e valor essas empresas têm e, com isso, **mais recursos elas têm à disposição para perseguir seu objetivo** de construir a inteligência artificial geral, seu ídolo tecnológico, fruto de uma doutrina que rejeita o poder soberano de Deus e tenta substituí-lo por **um deus** (ênfase no "d" minúsculo) **criado por mãos humanas**.

Em relação ao meu estudo pessoal da palavra Deus, eu tenho orado e meditado sobre o conteúdo de **I Coríntios 8** e **I Coríntios 10**, e essa meditação foi o que me motivou a escrever este ensaio para os irmãos e irmãs em Cristo.

Esse assunto também me tem feito meditar sobre **Mateus 15** e **Marcos 7.** Nessas passagens, Jesus é confrontado pelos fariseus, que repreendem Cristo e seus seguidores com a acusação de que eles não observam a tradição dos anciãos, por comerem sem lavar as mãos. Jesus, então, declara: não é o que entra no homem que o contamina, mas sim o que sai do homem (Mateus 15:11 e Marcos 7:15). **Fora de contexto**, essa fala de Jesus poderia ser interpretada como uma **autorização para que o cristão possa consumir tudo o que quiser**, sem discernimento do que é bom ou ruim.

Eu não quero ser interpretado como crítico de quem faz essa interpretação do versículo; cada um é livre e juiz de si mesmo acerca do que faz ou deixa de fazer em relação às palavras de Jesus. Ao mesmo tempo, eu não posso deixar de apontar o contexto dessa fala de Jesus.

Cristo estava apontando a falha na lógica dos fariseus, dizendo que eles seguiam doutrinas que são mandamentos de homens (a tradição dos anciãos), e não mandamentos de Deus (Mateus 15:6 e Marcos 7:7). **Os fariseus estavam atentos ao ato literal**, concreto, cotidiano, de comer sem lavar as mãos, por isso tentavam repreender Cristo e seus seguidores. Jesus, porém, chama a atenção deles para a seguinte verdade: **as nossas ações refletem os ensinamentos que seguimos**, que guardamos como preciosos em nossos corações, os quais **sairão de nós** em forma de palavras e de outras ações manifestas para o resto do mundo, que observa a nossa conduta.

Assim, o Mestre esclarece aos fariseus que devemos nos atentar ao seguinte: nossas ações e falas são reflexo de **doutrinas de homens**, ou estão orientadas pelos verdadeiros **ensinamentos de Deus**?

Na minha compreensão pessoal (que não proponho impor sobre ninguém), ao dizer "Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele isso é o que contamina o homem" (Marcos 7:15), Jesus **não está dizendo que tudo convém ao cristão**, que ele tudo pode e deve fazer, mas, na verdade, está afirmando que a **fonte da contaminação é o próprio interior do homem**, e que seus seguidores **devem discernir**, com sua consciência, quais são as coisas, ações,

discursos e ideias que os contaminam, tendo por base **os ensinamentos de Deus,** e não as doutrinas ou tradições humanas.

Essa maneira de entender as palavras de Jesus faz pleno sentido quando se considera que, posteriormente, os apóstolos julgaram necessário encarregar os cristãos de se absterem das "coisas sacrificadas aos ídolos" (**Atos 15:29**). Os apóstolos recomendaram que os cristãos agissem com discernimento, porque há coisas que não convém aos seguidores de Cristo.

O apóstolo Paulo explora em mais detalhes esse assunto, em **I Coríntios 8.** Paulo reafirma que "há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e em quem estamos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele" (I Coríntios 8:6). Assim, o apóstolo ensina que os ídolos dos homens não têm poder nem autoridade real, visto que "o ídolo nada é no mundo" (I Coríntios 8:4).

Apesar disso, Paulo explica que nem todos têm esse conhecimento, e contaminam sua consciência fraca ao comerem coisas sacrificadas aos ídolos (I Coríntios 8:7). O versículo 8 enfatiza que a comida não nos faz agradáveis a Deus: "se comemos, nada temos de mais e, se não comemos, nada nos falta" (I Coríntios 8:8). Em seguida, porém, o apóstolo explica que essa liberdade não pode se tornar escândalo para os fracos. Nos últimos quatro versículos desse capítulo, Paulo esclarece:

"Porque, **se alguém te vir a ti, que tens conhecimento, sentado à mesa no templo dos ídolos, não será a consciência do que é fraco induzida a comer das coisas sacrificadas aos ídolos?** E pela tua ciência perecerá o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. Ora, **pecando assim contra os irmãos, e ferindo a sua fraca consciência, pecais contra Cristo**. Por isso, se a comida escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize." (I Coríntios 8:10-13)

Mais adiante, em **I Coríntios 10**, entre outras coisas, ele exorta os irmãos a não se fazerem idólatras (I Coríntios 10:7), **a fugir da idolatria** (I Coríntios 10:14), e que cada um deve usar o próprio juízo quanto a esse assunto (I Coríntios 10:15).

Paulo diz que todos nós, cristãos, somos um só pão e um só corpo (I Coríntios 10:17), porque partilhamos o mesmo pão: a comunhão do corpo de Cristo (I Coríntios 10:16). O apóstolo também questiona: **"os que comem os sacrifícios não são porventura participantes do altar?"** (I Coríntios 10:18). Ele afirma que as coisas sacrificadas pelos gentios são sacrificadas aos demônios, e que **os cristãos não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios** (I Coríntios 10:20-21).

Essa explicação desenvolvida pelo apóstolo é, então, enfatizada pelo conhecido versículo de **I Coríntios 10:23** – "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam". Paulo encoraja os membros da igreja, nos versículos seguintes, a valerem-se de suas consciências, mas recomenda que "**se alguém vos disser: Isto foi sacrificado aos ídolos,** não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência" (I Coríntios 10:28).

Paulo faz mais recomendações: "**fazei tudo para a glória de Deus**" (I Coríntios 10:31). Diante disso, eu me pergunto: participar da mesa dos racionalistas do Vale do Silício, usando as ferramentas que para eles são objeto de idolatria, **é algo que glorifica Deus?**

O apóstolo também afirma: "Portai-vos de modo que **não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus**" (I Coríntios 10:32). Diante disso, eu me pergunto: participar da mesa dos racionalistas do Vale do Silício, usando as ferramentas que para eles são objeto de

idolatria, **é algo que poderia dar escândalo aos meus irmãos em Cristo**, ou a qualquer outra pessoa?

Paulo termina afirmando que não devemos buscar o próprio proveito, mas o de muitos, para que possam se salvar (I Coríntios 10:33). Assim, ele esclarece que **as nossas ações devem ser pautadas pelo interesse em salvar as pessoas, e em ajudar os irmãos a seguirem firmes com Cristo, e com base nisso decidimos o que devemos fazer ou deixar de fazer**.

Novamente, meu objetivo aqui não é tentar julgar, coagir ou impor a ninguém um padrão de comportamento. Eu quero somente propor reflexão e meditação fundamentadas nos ensinamentos que Deus nos oferece na Bíblia. **Estude a palavra de Deus e ore para que Ele te instrua sobre como proceder acerca desses assuntos**.

Sobre o autor

Relutantemente, decidi acrescentar aqui algumas informações sobre mim, não porque anseio qualquer tipo de reconhecimento, mas para que você, leitor, tenha algum entendimento acerca do *background* de quem escreveu este ensaio, a fim de poder melhor julgar a procedência deste texto.

Eu me entreguei a Cristo em uma igreja batista, ainda durante a minha infância.

Adulto, eu fui batizado também em uma igreja batista.

Em relação à minha trajetória no mundo, sempre fui interessado por tecnologia. Eu cresci jogando videogames e usando o computador, sendo da geração que viu a internet se espalhar pelo Brasil durante o final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Eu tenho interesse por programação, arte digital, desenvolvimento de jogos eletrônicos e coisas do tipo, e me considero um entusiasta de tecnologia. Quase todos os meus passatempos são relacionados à informática, de uma maneira ou outra.

Profissionalmente, eu sou formado em Letras, com especialização em Inglês, e sou apaixonado por educação e por ajudar a formar cidadãos conscientes e críticos. Atuo como educador há 13 anos.